

Prefeitura Municipal Magé
Secretaria Municipal de educação

Escola Municipal Tiradentes

Professora Kirce Correa Bermute

**Construção de identidades numa perspectiva
histórica baseada na lei 10.639/2003**

MAGÉ- RIO DE JANEIRO 2020.

JUSTIFICATIVA

No primeiro dia de aula do ano letivo de 2019, distribuí para a turma do 4º ano um desenho para colorir que representava algumas crianças chegando à escola também em seu primeiro dia de aula.

Após uns dez minutos, percebi que um grupo de crianças discutia para ver quem pegava o lápis cor de pele primeiro. Fui até a mesa onde o grupo estava reunido e solicitei que apontassem o lápis cor de pele para mim. Tratava-se de um lápis rosa, em tom pastel, bem claro. Então, eu fui até a frente da sala e bastante inquieta com a discussão, perguntei: “Por que essa cor é cor de pele? É cor da pele de quem? Quem aqui na sala tem essa cor?”

Várias foram as respostas, mas a resposta que mais me causou desconforto foi a de um aluno que ao aproximar-se da minha mesa, respondeu: ‘Tia, se eu pintar de preto, a cor que eu sou, todo mundo vai achar feio, porque ser preto é feio.’

Mesmo depois de uma longa explicação sobre o belo, e o que deve ser considerado belo, sobre como a mídia pode influenciar a moda e determinar padrões de beleza, observei que as crianças continuavam a pintar com o mencionado lápis. Mesmo após nossa conversa, eles insistiam em usar o mesmo lápis, chamado de “lápis cor de pele”. Todo o meu discurso foi totalmente em vão.

Depois que um silêncio pairou na sala, eu compreendi que não bastava falar, eu precisava fazer. Percebi que a problemática em questão deveria ser muito mais explorada, mais discutida, pois a resposta do pequeno era somente uma camada superficial para uma questão muito mais complexa. Embora, em média 80 % da comunidade seja formada por negros, em que muitas dessas pessoas são oriundas de um quilombo de um bairro vizinho ao da escola, elas não se enxergam em suas origens culturais afro-brasileiras e identitárias.

A não aceitação das origens, a dificuldade em dialogar com essa herança inegável dispara inúmeras crises de identidade já na infância, e ficou evidente que meus alunos estavam sofrendo, no momento em que se negavam a pintar os desenhos com outra cor que não fosse o rosa pastel para representar o tom da nossa própria pele.

Eu estava diante de um desafio. Na verdade, eram vários dilemas, impasses internos que explodiam numa ingênua pintura. Incômodos causados em virtude da vivência cotidiana do racismo que ocorre o tempo todo dentro da escola.

“Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”. Paulo Freire

Mas como fazer o que eu precisava fazer?

Tomando como *start* a situação relatada acima, pautei o projeto em ações afirmativas baseadas na lei federal 10.639/03¹, que institui o ensino da história da África e cultura Afro-brasileira no currículo. E assim, pensando em garantir sua aplicabilidade dentro da escola, fui trazendo para o cotidiano escolar atividades que promovessem a sensibilização da comunidade para a importância da temática na formação das identidades. Também busquei a conscientização dos colegas docentes para o entendimento de que ensinar a história da África é uma questão curricular, mas principalmente, um compromisso de elevar a autoestima dos meus alunos que estava visivelmente abalada, muito em virtude dos frequentes casos de racismo que aconteciam dentro e fora da escola.

Além de optar por metodologias ativas e interativas que buscassem solucionar a questão de defasagem na leitura e escrita, presente no desenvolvimento de alguns alunos da turma, que acabava comprometendo toda a aprendizagem. Nesse sentido, também houve um cuidado para que os conteúdos do programa não fossem comprometidos, garantindo que as habilidades e competências fossem desenvolvidas.

Desde o primeiro dia de aula, percebi que aquela turma de quarto ano tinha uma especificidade muito tocante: toda a turma era uma turma artística! Muitas habilidades com as artes e quaisquer desenhos que eu propunha ou estavam presente nas atividades eram coloridos com muito capricho que de pronto chamou-me a atenção.

Mas eles apresentavam certo desânimo em relação à leitura, produção de texto. Eram alunos que já estavam fazendo o quarto ano pela terceira vez, e apresentavam dificuldades distintas, inclusive na realização de operações matemáticas.

Eu precisava fazer com que meus alunos sentissem vontade de produzir, de escrever, de ler, mas eles estavam travados!

Decidi e estabeleci que toda quarta-feira seria o dia do nosso ateliê de artes, e nesse espaço-tempo, nas aulas de artes, nós faríamos atividades relacionadas ao projeto ou de acordo com as demandas que iam naturalmente surgindo na sala. Todas as atividades eram pensadas e

¹ Acesse o site do Planalto e conheça este dispositivo legal por meio do link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

estruturadas para que a disciplina de artes fosse a isca, mas principalmente um elo em que eu poderia fazer conexão com as outras disciplinas. O projeto foi todo interdisciplinar, mas estabeleci a disciplina de artes como referência.

Eu não tinha outro caminho, precisava começar por nós mesmos.

Objetivo geral

Construir identidades com uma prática docente antirracista, de reconhecimento e valorização da cultura e identidades afro-brasileiras na escola, no município e na sociedade, fazendo-os reconhecer a importância da contribuição dos povos africanos na formação do povo brasileiro.

Objetivos específicos

1. Promover ações afirmativas para uma educação antirracista;
2. Promover ações de enfrentamento ao racismo na escola;
3. Fortalecer o protagonismo negro;
4. Promover reflexões a respeito de igualdades raciais;
5. Valorizar a importância em honrar sua ancestralidade negra;
6. Elevar a autoestima dos alunos, valorizando a beleza negra;
7. Promover a leitura de livros com protagonismo negro, presentes na literatura infantil;
8. Confeção de autorretrato individual;
9. Desenvolver habilidades artísticas através de pintura de tela, recorte, colagem, dança;
10. Desenvolver linguagem oral através de apresentação teatral;
11. Aprofundar o conhecimento sobre terras indígenas e comunidades quilombola;
12. Conhecer que nosso município tem três quilombos reconhecidos pela Fundação Palmares e que somos parte deste grande quilombo chamado Magé;
13. Compreender que quilombo é um território que simboliza força e resistência;

14. Desconstruir ideias já estabelecidas (preconceitos) como: Africanos eram naturalmente escravos, cabelo crespo é sinônimo de cabelo ruim; cultura afro ligada exclusivamente à religião de matriz africana;
15. Romper com a ideia de que a cultura eurocêntrica é a única;
16. Trabalhar diferentes gêneros textuais sobre o tema, aperfeiçoando a leitura e escrita.

Demonstrativo das habilidades da BNCC² a serem trabalhadas:

Artes	Geografia	História	Língua Portuguesa	Matemática
EF15AR01 EF15AR03 EF15AR08 EF15AR09 EF15AR10 EF15AR11 EF15AR12 EF15AR13 EF15AR22 EF15AR23 EF15AR24 EF15AR25	EF04GE01 EF04GE02 EF04GE10 EF04GE06	EF04HI01 EF04HI10 EF04HI11 EF04HI12	EF04LP01 EF04LP03 EF35LP05 EF04LP10 EF04LP12 EF04LP13 EF04LP14 EF04LP18 EF04LP19 EF04LP20	EF05MA24

² No portal do Ministério da Educação, acesse a Base Nacional Comum Curricular pelo link: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

RELATO DETALHADO DO DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES METODOLÓGICAS

Após a primeira semana de observação com a turma, reformulei todo meu planejamento estruturando-o em dois pilares básicos: garantir a aplicabilidade da lei 10.639/2009 e estabelecer a disciplina de artes como referência para as ações.

A diagnose aconteceu logo das atividades, quando percebi que os alunos não se reconheciam como negros, tinham vergonha de sua cor ou seu fenótipo e sofriam de uma crise de identidade já na infância, quando se recusavam a pintar o desenho com cor diferente que não fosse branco.

Com isso, estabeleci percursos metodológicos ativos e interativos que pudessem atrair os estudantes à uma curiosidade que pudessem ser transformadas em conhecimento para a construção de identidades positivas. A experimentação coletiva, a fruição, a pesquisa e os registros foram estruturantes para alcançar os objetivos do projeto.

Entrevistas com a comunidade para saber da origem e formação da população do bairro:

Posterior à diagnose, fiz uma breve entrevista com os alunos, a fim de entender qual era a origem da negação de sua etnia. Percebi que as crianças ou suas famílias já tinham sofrido casos de racismo, inclusive dentro da escola. Quando comecei a ouvir os relatos dos alunos, surgiu a necessidade de estudarmos sobre a origem do bairro e da comunidade. Quando descobrimos que alguns alunos têm origem em uma comunidade quilombola, próximo à escola e outros alunos são descendentes de homens e mulheres escravizados que logo após a abolição da escravatura se instalaram no bairro, para o trabalho na lavoura e o campesinato. No século XIX, nosso bairro teve grande importância para a economia colonial do país, onde funcionava o Porto da Estrela³, lugar de passagem e escoadouro para a produção de ouro vinda das Minas Gerais para a capital.

Para além dos muros da escola

A partir da diagnose e das entrevistas, procurei a direção e a equipe pedagógica da unidade escolar para falar sobre a ideia do projeto. Tive o aval para poder iniciar as ações referentes ao projeto então batizado de “Construindo Identidades”. Logo surgiu a necessidade compartilhar a proposta com a comunidade, onde estabeleci o primeiro contato com os pais para falar sobre o

³ Ver o livro Estado do Rio de Janeiro de Siomara Sodré Spinola.

projeto, sobre as ideias dos alunos, sobre a origem de algumas famílias do bairro e sobre as atividades que seriam desenvolvidas na escola e na comunidade, a fim de construir junto a identidade dos alunos, acabar com os casos de preconceito latentes na turma e na escola a partir das suas origens. Esse contato foi essencial, pois os pais abraçaram a ideia, inclusive sugerindo que o projeto deveria ser estendido para toda escola.



Encontro com os pais



Dinâmica com os responsáveis



Conversa sobre o projeto

Iniciando os trabalhos do ateliê

Cabe ressaltar que as ações e propostas foram sendo desenvolvidas de acordo com as demandas surgidas na turma. Por exemplo: o piquenique literário foi o pedido dos próprios alunos, que gostariam de, ao menos uma vez, usar o jardim da escola para ler. Desse modo, fui adequando as ações conforme as demandas foram surgindo. Para o piquenique, o tema foi proposto pelas crianças, batizado de “africanidades”.

Documento de identidade; árvore genealógica; acróstico com primeiro nome:

A primeira atividade desenvolvida pelos alunos foi a construção do documento de identidade, onde trabalhamos a escrita correta do nome completo, origem e filiação dos alunos, seus ancestrais, resgate e compreensão sobre a origem do sobrenome. Também foi feito um acróstico

com o primeiro nome da criança, em que solicitei para que colocassem palavras e símbolos que tivessem a ver com a personalidade de cada um.



Produção de documentos de identidade



Acrósticos com os nomes das crianças

Hora da leitura

Fizemos a “hora leitura”, onde foram adotados os seguintes livros: **Kiese, história de um africano no Brasil** (Ricardo Dreguer), que fala da trajetória de um menino que é capturado, ainda criança, em sua aldeia, na África e que, chegando ao Brasil, passa a ser escravizado. O menino tem toda a sua juventude e vida adulta vivida nas amarras da escravidão, a partir de cuja leitura trabalhamos História do Brasil-Colônia e Matemática.

Tendo em vista que o livro trata da virada do século, foi possível trabalhar os números romanos, dentre outros aspectos culturais e históricos. Outras literaturas trabalhadas foram: **As gueledes** (De Raul Loyd), **Menino Nito** (De Sonia Rosa), **Amanhecer Esmeralda** (De Ferréz). Meu maior objetivo em trazer esses títulos para a sala de aula era principalmente mostrar o protagonismo negro para as crianças com a literatura afro-brasileira, mostrar que ela existe e precisa se fazer presente na escola.

Tivemos êxito ao trabalhar o conteúdo de matemática. Contudo, ao desconstruir a imagem da monarquia brasileira e de uma sociedade que baseou a sua economia e o seu crescimento em um sistema escravista, as crianças se frustraram. Pois, eles acreditavam em uma monarquia glamorosa, baseada nos contos de fadas, de princesas e príncipes e reis e rainhas altamente bondosos.

Paralelo a “**Hora da leitura**” existia o livro itinerante “**O amigo do rei**” de Ruth Rocha e “**Meu crespo é de rainha**” da escritora norte americana Bell Hooks. Cada criança levava o livro para casa, até que toda a turma tivesse lido. Com a leitura itinerante, trabalhamos as relações inter-raciais e buscamos desenvolver o prazer pela leitura e ainda estimular a participação da família. A criança que se sentisse à vontade, podia contar sobre o livro lido nas periódicas rodas de conversas que aconteciam também às quartas-feiras nos ateliês de arte.

Palavras não tão novas assim

Para trabalhar vocabulário, foi exibido o videoclipe da música *África* da Palavra Cantada. As crianças sinalizaram na música as palavras das quais desconheciam o significado. Fizemos as buscas na *internet* e utilizamos dicionários para pesquisar as origens. Nessa atividade conversamos muito sobre a variedade de idiomas falados em África e principalmente sobre a influência das palavras em iorubá e banto na língua portuguesa falada no Brasil. Como bem nos lembra a antropóloga Lélia Gonzalez:

(...) aquilo que chamo de ‘pretoguês’ e que nada mais é do que marca de africanização no português falado no Brasil (...). (O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes, como o l ou o r, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico cultural do continente como um todo” (GONZALEZ, Lélia, 1988, p.70)

Colorimos um desenho com símbolos africanos, animais da Savana, máscaras africanas, o formato do continente Africano. Também fizemos uma apresentação coreografada na roda africana.



Videoclipe Palavra Cantada

A carne mais barata do mercado

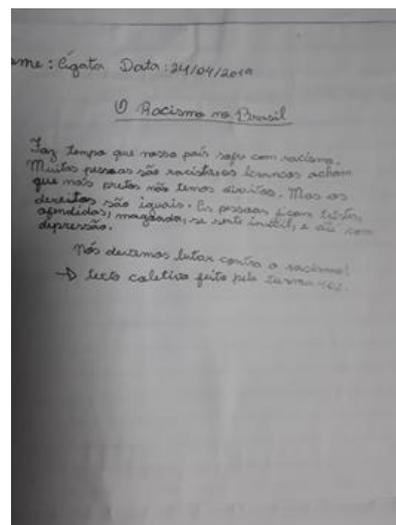
Tivemos a exibição do videoclipe “A carne mais barata do mercado é a carne negra” (Elza Soares), onde as crianças produziram um texto coletivo sobre racismo e preconceito. O título do texto produzido foi “O racismo no Brasil”. Dessa forma, trabalhamos a estrutura do texto (parágrafo), pontuação, letras maiúsculas e gênero textual. Após a produção do texto, fizemos um novo acróstico, por sugestão da própria turma, que adorou a primeira experiência com esse tipo de texto. Pedi que as crianças escrevessem palavras que remetessem a palavra RACISMO. Fizemos também leitura de gráficos, a partir do gráfico que trata da diferença entre negros e brancos no que tange o trabalho infantil, analfabetismo, distorção idade-série, matrículas no ensino superior e

vítimas de homicídios. Cabe ressaltar que as crianças ficaram impactadas com o vídeo e o gráfico. Utilizo-me das palavras deles, pois os mesmos disseram que esse dia foi “um dia triste”.



Acróstico com a palavra racismo

“Ler ao ar livre seria bom, né, tia?”



Redação sobre o racismo

O Piquenique literário, que como relatado anteriormente, foi uma sugestão da própria turma, onde lemos títulos infantis usando o protagonismo negro e equidade. Essa atividade teve um saldo muito positivo e valoroso, pois toda a turma participou e eles mesmos se organizaram e fizeram rodízio com os livros. Ao final do piquenique tivemos um delicioso lanche compartilhado entre os alunos. É digno de nota que o tema do piquenique foi **Africanidades**. Após o piquenique, fomos para a sala de aula e realizamos o fichamento dos livros. Cada aluno ficou à vontade para escolher o título que mais lhe interessou e realizar o fichamento.



Piquenique literário



Piquenique literário



Fichamento e resenha dos livros

Adornos

Queria trazer pra sala algumas referências africanas que usamos na vestimenta e na moda também, mas eu ainda tinha um pouco de resistência de alguns colegas de trabalho. Quando falei sobre a vontade de fazer uma oficina de turbantes, precisei lidar mais uma vez com o preconceito de alguns pares, colegas de trabalho que acabavam diminuindo a importância da aplicabilidade da lei dentro da escola como ferramenta de combate ao racismo. Após algumas pesquisas e muitas reflexões, compartilhei com a turma e com as mães a ideia de fazer um ateliê de colares inspirados em adornos africanos.

Com pratos de papelão, barbante, miçangas botões e tinta, fizeram vários colares. Pude contar com a presença de cinco mães na turma este dia. Foi sem dúvida uma atividade muito significativa pra todos nós.



Ateliê de colares africanos



Finalização dos colares africanos



Roda com os colares



Exposição dos colares africanos



Desfile com colares

Basquiat para o autorretrato

Além da preocupação em trazer referências na leitura onde o protagonismo fosse negro, com histórias onde o sujeito negro não fosse marginalizado, também tive a preocupação de mostrar aos alunos artistas negros como Basquiat, Jean –Michel Basquiat que começou a carreira grafitando em Nova York, suas obras são carregadas de mensagens e significados confrontando a sociedade. Vimos um documentário sobre a vida breve do artista e conversamos sobre sua trajetória.

Essa roda de conversa foi profundamente reflexiva.

Autorretratos

Considerando que autorretrato é uma representação que um artista faz de si mesmo, as crianças tiveram a oportunidade de se retratarem, em uma tela de algodão, usando tinta PVA. Com essa atividade, objetivei a questão da identidade, já que o problema em retratar sua cor, em uma pintura, foi à questão inicial para o desenvolvimento do presente projeto. Essa ação, não poderia ser inicial, pois antes de realizá-la era preciso construir o orgulho afrodescendente nas crianças e desconstruir a imagem eurocêntrica de “cor pele”, que “só o cabelo liso é bonito”, que “a pele branca é mais bonita e os traços de indivíduos de origem europeia são mais bem vistos”.

A partir dessas atividades, foram trabalhadas, cores primárias, secundárias e terciárias; texturas, misturas de cores, contorno e sombreamento. Após a pintura foi feita uma roda de conversa, bem descontraída, onde os alunos puderam falar sobre as suas pinturas. Foi notório que as crianças ficaram bem mais à vontade em misturar as cores e retratar a cor de sua pele como realmente pareçam ser. Logo, a fala inicial do “não pinto de preto, porque vão achar feio”, não teve

espaço nessa atividade. Ficou evidente que as crianças fizeram essa atividade com muita descontração e liberdade.



Ateliê de autorretrato



Finalização dos autorretratos



Mostra dos autorretratos no jardim

Animais da savana

Também produzimos telas com os animais da savana africana, onde pudemos discutir sobre animais em extinção e diferentes tipos de biomas. Para essa atividade estipulei um desafio a turma, em que só seria possível usar cores quentes para a produção das telas. Cada grupo escolheu um animal fazendo seu fichamento, nome, habitat, alimentação, se vivia no Brasil e em que condições.



Ateliê Animais na Savana Africana

Mostra Animais na Savana

Sankofemos

Produzimos, em algodão cru, as adinkras, que são símbolos africanos que transmitem conceitos de respeito à ancestralidade, sabedoria tradicional e são usados para transmitir valores e crenças. Distribuí algumas fichas com os símbolos e seus significados, eles escolheram um símbolo e o pintaram no algodão, escrevendo seu significado atrás da arte. Cada criança justificou sua escolha e presenteou a família com sua adinkra. Essa foi mais uma atividade com o objetivo de estreitar os laços entre as famílias e proporcionou diálogo entre escola e comunidade escolar.



Ateliê Adinkra



Adinkras em exposição

Baobá

Ainda falando de família, natureza e de como esses dois temas dialogam muito profundamente nas culturas africanas, fizemos uma pesquisa sobre a vegetação africana e a turma desenvolveu bastante curiosidade sobre o baobá. Então, também fizemos pequenas telas em papel. Desta vez, deixei as crianças à vontade para mesclar cores quentes e frias.



Mostra O Baobá

Mandalas

Para inserir o conteúdo de matemática, formas geométricas, apresentei as mandalas. Trouxe para aula referências étnicas e imagens multi coloridas. Algumas mandalas, além das formas geométricas, também tinham diversas imagens africanas. Com pratos de papelão e imagens retiradas da internet, construímos nossas próprias mandalas. Apenas solicitei que elas precisavam ter formas geométricas variadas, como círculos, quadrados, losangos, triângulos. Depois de pintá-las e colorir os pratos, colocamos cordões de barbantes e penduramos no teto da sala. Algumas crianças pediram para levar suas mandalas pra casa e pendurá-las nas suas janelas. Ficaram lindas! Multicoloridas! Assim como no autorretrato, ficou nítido o traço de cada aluno em sua pintura.



Ateliê Mandalas



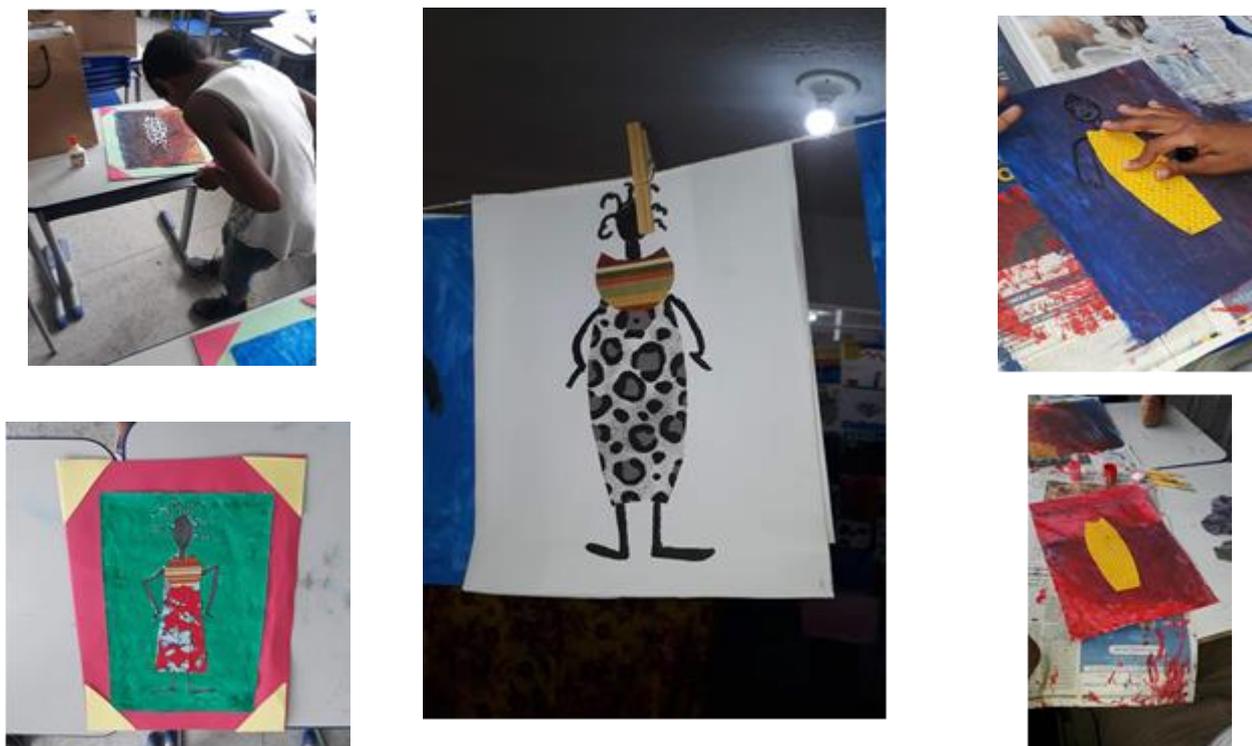
Finalização das mandalas



Mandalas em exposição

Mulheres de África

Quando chegamos à leitura das Gueledes, já para o fim do ano, a turma pediu para produzirmos mais uma tela, que seria maior e retrataria a força da mulher. Eles queriam telas bem coloridas desta vez, mas eu estava sem recursos, pois com a aproximação do fim do semestre, é comum os recursos ficarem escassos na escola. Consegui com os pais retalhos de tecidos, diversos e coloridos, fizemos os moldes dos vestidos e em volta pintamos os cenários com tinta guache e PVA.



Ateliê Mulheres de África

Por uma educação antirracista

Pensando na construção de uma educação antirracista, posso afirmar que nosso projeto foi inclusivo, mas principalmente agregador e acolhedor de identidades diversas que compõem o todo. Num município onde nossa ancestralidade quilombola e indígena grita, como construir uma educação que não traga para a sala de aula essas referências? Precisamos fortalecer essas subjetividades, pois somos herdeiros dessas histórias de muita luta, mas principalmente resistência.

Em outubro de 2019, fomos contemplados com o prêmio Paulo Freire, oferecido pela ALERJ, na categoria ensino fundamental I. Ainda no ano de 2019, fomos convidados a expor o acervo do projeto em uma biblioteca no bairro vizinho, levamos fotos das atividades, registros do ateliê de artes. Em 2020 ganhei o selo “ professor transformador” e nosso projeto está no banco de práticas entre os 350 melhores projetos transformadores do país.

No fim das atividades do ano letivo, preparamos um portfólio com todo material artístico produzido pela turma, e cada criança pôde presentear sua família com suas produções. Esse momento foi muito especial, porque até mesmo a turma surpreende-se com o tamanho do acervo artístico que construímos. Os responsáveis ficaram muito emocionados com os presentes, realmente foi uma aprendizagem significativa.

As ações do projeto, tornaram-se mais potentes à medida que as parcerias com outros atores e instituições foram sendo estabelecidas, já que logo no começo das ações, percebi que a esfera individual é insuficiente.

Assim, uma aproximação com a Universidade foi realizada por meio de um Projeto de Extensão do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/IFCS)³⁴. O grupo Rodas de Filosofia e Transculturalismo teve como objetivo inicial gerar suporte epistêmico para os professores da unidade escolar. Universidade e educação básica juntas para a construção de uma educação antirracista.



Rodas de filosofia

Referências

- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC/ SEF, 2005.
- CARMO, E. F. B. M. do. **História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkra**/ Salvador: Artegraf, 2016.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: 2008
- FREIRE, Paulo. **Direitos Humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública da cidade de São Paulo**. São Paulo: 2019
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GILBERTO, Freyre. **Casa – grande e senzala**. São Paulo: 2019
- KOHAN, Walter Omar. **Visões de filosofia: infância**. *Alea* vol.17 no.2 Rio de Janeiro July/Dec. 2015. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2015000200216&lang=pt>
- NASCIMENTO, Abdias. **Oitenta anos de Abolição**. Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros,1968.
- PILLAR, Analice D. (org) **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- https://escola.britannica.com.br/artigo/baob%C3%A1/483101_o_baob%C3%A1
- A Carne - Elza Soares (Videoclipe Oficial) <https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados gerais do município de Magé**. 2019. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/mage> > coloca essa referencia no rodapé.
- <https://asminanahistoria.com/2018/04/15/lelia-gonzalez-e-o-pretogues/>
- Duarte, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Literafro, Pampulha. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>>.